

Wilson Milani

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

Email:

wilsonmilani@gmail.com

Tradução:

Joana Negri – Universidade
Federal do Rio de Janeiro

Email:

joananegri@gmail.com



*Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).*

Copyright (©):

*Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução*

ISSN: 2175-8689

Tradicionalismo, extrema direita global e crise democrática: uma conversa com Benjamin Teitelbaum

*Traditionalism, global extreme right-
wing, democratic crisis: a conversation
with Benjamin Teitelbaum*

Milani, W. Tradicionalismo, extrema direita global e crise democrática: uma conversa com Benjamin Teitelbaum. Revista Eco-Pós, 26(01), 349–365. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28145>

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28145

Submetido em 25 de maio de 2023

Aceito em 12 de junho de 2023

Professor na Universidade do Colorado (EUA), o etnógrafo Benjamin Teitelbaum é hoje um dos principais intérpretes da extrema direita global. Seu mais recente livro, “Guerra pela eternidade”, aborda o até então pouco conhecido “Tradicionalismo”, doutrina religiosa e antimodernista que está na base da deriva autoritária em curso atualmente em diversos países. Nesta entrevista à Revista Eco-Pós, Teitelbaum descreve os principais traços que caracterizam essa teoria; a compara com outras ideologias regressivas, como o populismo autoritário e o fascismo; e analisa os efeitos sociais e políticos de sua adoção por parte de ideólogos e governantes em democracias como os Estados Unidos e o Brasil.

1. Em linhas gerais, como definir a noção de “Tradicionalismo”?

Benjamin Teitelbaum: O Tradicionalismo – embora o nome soe genérico e familiar – é, antes de tudo, uma filosofia específica e uma escola religiosa. Ele cresceu durante o início do século 20 entre orientalistas e, principalmente, estudiosos da religião comparada do sul da Europa, que estavam seguindo um francês convertido ao sufismo chamado René Guénon. Sua principal afirmação é de que existe uma única verdade religiosa – a Tradição (com T maiúsculo) – que costumava ser conhecida pela humanidade, eras atrás. Ao longo do tempo, sua verdade se perdeu e agora só podemos encontrá-la espalhada em fragmentos misturada a várias religiões do mundo, especialmente em suas formas místicas ou esotéricas. Os Tradicionalistas, portanto, tentam desvendar partes existentes da

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28145

Tradição mais antiga, acreditando que ela contém os insights mais precisos sobre a nossa.

2. Qual é o lugar ocupado hoje pelo “Tradicionalismo” no conjunto de ideias, valores e práticas políticas da extrema direita global?

Benjamin Teitelbaum: Uma pequena parcela intelectual da extrema direita global está interessada no Tradicionalismo por conta do que ele diz sobre a natureza da humanidade e as correntes da história. O Tradicionalismo afirma, por um lado, que o tempo se move em ciclos e não linearmente; que nunca estamos progredindo adequadamente, mas sempre em um processo de afastamento e retorno a uma idade de ouro. Por outro lado, afirma que as sociedades atingem seu auge – que está em uma idade de ouro – quando reina a hierarquia social, os valores religiosos de forma suprema e quando as fronteiras entre homens e mulheres, classes diferentes e talvez raças diferentes são fortes. É apenas na idade das trevas que a ausência de fronteiras consome o mundo, reinando a ordem baseada na igualdade, na quantidade e no reino material (como a democracia liberal ou o comunismo – os dois são equivalentes na visão dos Tradicionalistas). Para a direita contemporânea, o Tradicionalismo oferece um endosso religioso e espiritual de sua condenação ao feminismo, multiculturalismo, imigração, igualitarismo e noções de progresso.

3. O que foi decisivo para que o “Tradicionalismo” emergisse como força política nos últimos anos e pautasse parte da extrema direita global?

Benjamin Teitelbaum: O Tradicionalismo pode ser chamado de influente na direita contemporânea por conta do prestígio de algumas figuras da elite que o endossaram. No meu livro, destaco Alexandr Dugin na Rússia, Steve Bannon nos EUA e Olavo de Carvalho no Brasil. Essas figuras servem como intelectuais para

movimentos de extrema direita: quanto melhor as suas fortunas políticas, mais o Tradicionalismo pode ser visto como influente. Portanto, devemos perguntar o que permitiu que essas figuras se tornassem forças políticas. A resposta é óbvia: o populismo e o amplo descontentamento com a democracia, o livre comércio e as visões de progresso social. A força do populismo tem sido tão forte e as causas que o promovem tão numerosas e grandes que abriram espaço para filósofos estrategistas, como as figuras que mencionei. Estas, por sua vez, viram o populismo como uma ferramenta atraente, em parte por causa de sua celebração nostálgica do passado, e em parte por causa de sua hostilidade aos faróis do progresso como universidades, a mídia e instituições administrativas do Estado.

4. Como os defensores do "Tradicionalismo" veem as sociedades democráticas contemporâneas?

Benjamin Teitelbaum: A democracia é frequentemente condenada pelos Tradicionalistas. É igualitária, ao oferecer teoricamente a todos igual capacidade de moldar seu governo. É materialista (em vez de espiritual) ao atribuir poder com base na quantidade de corpos. Está ideologicamente ligada ao progressismo, na medida em que procurou substituir formas mais antigas de governança como parte de um esforço para fazer uma sociedade melhor e mais justa do que nunca. Alguns até pensam que a democracia é má, uma vez que redireciona o poder (de um rei ou sacerdote) para o povo e, nesse sentido, representa o movimento de nosso centro social para longe dos céus e para baixo, em direção ao solo.

5. Como a ideia de "destruição criativa" se relaciona com o "Tradicionalismo"?

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28145

Benjamin Teitelbaum: Já mencionei como os Tradicionalistas entendem que a história está sempre se movendo em um ciclo, que estamos nos afastando ou voltando para uma idade de ouro. Não mencionei como eles acreditam que “voltaremos” ao ouro. Para eles, é necessariamente passando pela idade das trevas: o ciclo do tempo é normalmente visto como procedente do ouro para a prata, passando ao bronze até chegar à escuridão, antes de retornar ao ouro, à medida que o ciclo continua. Em outras palavras, as coisas devem ficar ruins, muito ruins, antes que se veja um súbito renascimento para o bem. E esse estágio de maldade é muitas vezes entendido como sendo também de violência ou destruição. O impacto prático disso, especialmente para quem percebe nosso momento atual da história como sendo pertencente à idade das trevas ou próximo a ela, é que a destruição se torna imperativa. Destruir as instituições e práticas que transformaram nossa sociedade – especialmente aquelas que vemos como marcas de melhoria ou progresso social – são exatamente as coisas que precisam ser destruídas como parte da transição cataclísmica da escuridão para o ouro.

6. Até que ponto Jair Bolsonaro pode ser descrito como um “Tradicionalista” e não como um “populista autoritário” ou simplesmente como um “fascista”?

Benjamin Teitelbaum: Não acho que Bolsonaro possa ser descrito como um Tradicionalista. Ele certamente nunca leu nenhuma literatura tradicionalista (que é complicada e alienante). E como analista, não uso a palavra fascista (ela carece de precisão, desculpa a preguiça intelectual e desencoraja o interesse pelo que há de novo em nosso momento, ao mesmo tempo em que oferece pouco em troca), então também não a aplicarei aqui. A questão maior é o que o populismo autoritário, um rótulo que facilmente se aplica a ele, tem a ver com o Tradicionalismo – por que Olavo, Bannon ou alguém como eles podem se alinhar à Bolsonaro? A razão que vejo são muitas agendas e visões comuns. Os populistas podem ser descritos como

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28145

antiprogressistas, na medida em que normalmente veem a era atual como tendo corrompido um passado mais bonito (a ditadura militar, no caso de Bolsonaro). Os populistas admiram ainda mais o passado pela ordem que supostamente exibia em oposição ao caos de hoje. Também podemos mencionar que os populistas normalmente aspiram atingir seus objetivos derrubando o *establishment* – é uma agenda de desmonte ou destruição. Tudo isso se alinha ao Tradicionalismo e, portanto, um Tradicionalista pode ver o populismo como uma ferramenta útil ou um bom primeiro passo para alcançar seus objetivos.

7. Como você interpreta as recentes derrotas eleitorais de Donald Trump e Jair Bolsonaro? Elas representam um retrocesso no desenvolvimento da extrema direita global e, em particular, do "Tradicionalismo"?

Benjamin Teitelbaum: Elas são um revés para o populismo, sem dúvida. Já se pode começar a ver os contornos de uma historiografia em que vemos a onda populista global como uma aberração, uma suspensão entre parênteses de nossas tendências sociais e políticas, que é rapidamente revertida enquanto voltamos às nossas lutas políticas mais convencionais e à busca pelo progresso. No entanto, existem alguns lugares onde essa interpretação simplesmente não pode ser mantida. Por toda a Europa, por exemplo, na qual as forças centristas remodelaram sua política à moda dos populistas, na tentativa de sobreviver em um clima no qual o consenso político mudou para a direita. Lá, os populistas podem ter perdido as eleições, mas eles ganharam capital político. Além disso, acho que há áreas críticas em que a presidência de Lula não diverge drasticamente da de Bolsonaro: o exemplo principal é a Rússia e a Ucrânia. E não se trata apenas de um projeto de multipolaridade ser uma posição política ampla e genérica. As caracterizações específicas do conflito vindas de Lula se alinham a um discurso global que emana principalmente da direita conspiratória. Quanto ao que isso significa para o

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28145

Tradicionalismo, não tenho certeza. Esforço-me para imaginar figuras como Bannon ou Olavo encontrando uma audiência além de regimes de protestos violentos, animados por nostalgia e visões de ordem reestabelecida. Se o que estamos vendo é a possível continuação tácita do populismo de direita por meio de políticos não direitistas, não creio que isso ocorra por meio dos intelectuais obscuros que ocuparam os bastidores do populismo.

8. Qual é o futuro do "Tradicionalismo"? Tem potencial para se tornar um movimento de massas, assim como o fascismo ou o socialismo no século XX?

Benjamin Teitelbaum: Os Tradicionalistas nunca iriam querer fazer parte de um movimento de massa. Eles não acreditam nas massas e não endossam – ostensivamente – uma ordem política que delega poder com base em multidões de supostamente iguais. Em vez disso, na medida em que os Tradicionalistas desejam participar da sociedade e da política, eles tentarão fazê-lo por meio de outras instituições e causas. Expliquei por que sou cético de que continuaremos a vê-los no populismo. Mas este não é o único caminho: vimos vários estrategistas e ideólogos de alto nível desviarem sua atenção da política partidária para a tecnologia e para a mídia. Eles buscam um meio de se conectar uns com os outros, ferramentas para controlar e influenciar os outros e, às vezes, um meio de fuga. Buscam um lugar ou domínio onde não estejam mais sujeitos às tendências da sociedade e à opinião alheia. Posso apenas especular, mas se formos ver outra entrada de Tradicionalistas ou pessoas como eles em posições de influência social, suspeito que isso ocorreria lá.

Wilson Milani - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
Jornalista, é doutor em Comunicação pela UFRJ. Autor de *A imprensa contra o Estado* (Ed. Mauad X, 2023), realiza atualmente estágio pós-doutoral no departamento de História da USP.
Email: wilsonmilani@gmail.com